

SIMPÓSIO AT199

A DISPUTA DE SENTIDOS SOBRE A RUA E O FAZER POLÍTICA NA DERIVA DO ENUNCIADO #VEMPRARUA EM JUNHO DE 2013

CARRENHO, Júlia Mendes
Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP
julia.carrenho@gmail.com

Resumo: Este trabalho se propõe a analisar o percurso de deriva do enunciado “Vem pra rua” ou “#VEMPRARUA” nos discursos das e sobre as manifestações do que se historicizou como “Junho de 2013”. O material de análise é composto por imagens que veiculam enunciados ou são veiculadas junto a enunciados. Assim, partindo do trabalho com o dispositivo teórico-analítico da análise de discurso materialista (Pêcheux, 1975) na relação com as demandas do material, a análise se vale de exercícios parafrásticos e da identificação de recorrências e rupturas discursivas para evidenciar a imbricação da materialidade linguística e de outras materialidades na produção de sentido. O eixo central da análise é a construção de dois objetos discursivos em disputa por formações discursivas diferentes: a *rua* e o *fazer política*. O trabalho, portanto, busca reconstituir os processos de significação desses objetos a partir de relações de paráfrase e de efeito de sustentação presentes na materialidade de enunciados compostos por ou relacionados ao enunciado “#VEMPRARUA”, bem como por sua articulação com outras materialidades. A análise aponta, a partir da deriva da materialidade linguística do enunciado, acompanhada por sua apropriação por formações discursivas diferentes, para um percurso de aproximações e afastamentos entre os sentidos de *rua*, *feira*, *voto* e *política* que colocam em questão os sentidos atribuídos ao próprio *Junho de 2013*.

Palavras-chave: análise de discurso; produção de sentido; materialidade linguística; imagens; Junho de 2013.

Abstract: In this work, we aim to present a brief analysis of the derivation route of the #COMETOTHESTREET statement in the discourses of and about the manifestations of what was historicized as "June 2013". The object of the analysis is composed by both images in which appear statements and images that are published along with statements related to the “#COMETOTHESTREET” one. Starting from the theoretical-analytical framework of Discourse Analysis (Pêcheux, 1975) along with the issues presented by the material, we try to evidence discursive processes present in the relation of the linguistic and non-linguistic materialness related to two discursive objects disputed by different discursive positions: the *street* and *politic activity*. We identify, from the drift of the linguistic materialness of the #COMETOTHESTREET statement and its appropriation by different discursive positions, a course of approximations and distances between the meanings of *street*, *party*, *vote* and *politics* that are related to the attribution of different meanings to "June 2013" itself.

Keywords: discourse analysis; production of senses; linguistic materialness; images; June 2013.

Introdução

Neste trabalho, analiso o percurso de deriva da materialidade linguística e discursiva do enunciado “Vem pra rua” ou “#VEMPRARUA”, amplamente presente no que se historicizou como “Junho de 2013”, em um *corpus* composto por imagens. Mobilizo o dispositivo teórico-analítico da análise de discurso materialista (doravante AD) a partir de Pêcheux (1975) com o objetivo de dar visibilidade a processos discursivos relacionados à constituição de objetos discursivos em disputa: a *rua*, o *fazer política* e mesmo *Junho de 2013*.

Busco mostrar como as materialidades significantes, agenciadas por formações discursivas, tomam parte em processos discursivos que produzem efeitos de sentido particulares para esses objetos. Viso, enfim, a responder questões como “O que é fazer política?” e “O que se faz na rua?” por meio de um esforço teórico-analítico de dar visibilidade a percursos discursivos de aproximação e distanciamento entre os sentidos de *rua*, *política*, *voto* e *feita*.

1. Considerações teórico-metodológicas

A análise dos discursos de e sobre “Junho de 2013” dá a ver a disputa pelos sentidos desse *acontecimento*, da ordem do Real, enquanto *acontecimento discursivo* (Pêcheux, 1983): segundo o conceito, trata-se de uma ruptura ocasionada pelo atravessamento do Real que é discursivizada de forma a fazer emergir novas filiações possíveis na memória discursiva.

A nominalização “Junho de 2013” emerge para determinadas formações discursivas a partir desse processo de discursivização produzindo *efeito* de unidade e apreensão do objeto, bem como de *evidência* dos seus sentidos, o que o torna disponível para aparecer no fio do discurso como um objeto pensado “antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 1975, p. 89), conforme o *efeito de pré-construído* descrito por Pêcheux (1975).

O conceito de *objeto discursivo* se afasta da tentativa de, pela análise, chegar a um suposto objeto em si. O campo de análise é o campo dos sentidos, marcados pelo atravessamento de, pelo *encontro* com o Real. Em AD, considera-se que o sentido “não existe ‘em si mesmo” (PÊCHEUX, 1975, p. 146), pois é, antes, *efeito de sentido*, produzido quando uma formação discursiva coloca significantes e materialidades em relação (processos discursivos), e assim os dota de sentido para o sujeito. Por isso, “as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (PÊCHEUX, 1975, pp. 146-147).

Já o conceito de *formação discursiva* (doravante FD) deriva da concepção, em AD, de um sujeito atravessado pelo inconsciente e constituído no processo de *interpelação ideológica* (Pêcheux, 1975; Althusser, 1970), que o identifica a uma FD específica. A FD é o que “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada (...) determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1975, p. 147, grifo do autor), bem como delimita relações específicas com o campo da *memória discursiva* (diferente de uma memória física do sujeito). Em suma, a FD recorta e organiza o campo dos dizeres possíveis e disponíveis.

O método analítico em AD é calcado no conceito de *língua* como um sistema passível de jogo e de *materialidade linguística* como *base equívoca* para os *processos discursivos*, que produzem sentidos dentro das FDs. Para os sujeitos interpelados, contudo, os processos de produção ficam dissimulados no *efeito de transparência*. Assim, o objetivo da análise discursiva é o de devolver a opacidade e a equivocidade constitutivas de todo enunciado, “linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis” (PÊCHEUX, 1983, p. 53), ao dar visibilidade aos *processos discursivos* que se estabelecem sobre esses pontos de deriva, para uma FD específica.

Por isso, os dispositivos de que lanço mão ao longo de todo o trabalho são a descrição e a *paráfrase*. A última atualiza e visibiliza processos em curso no material, referentes ao “sistema de relações de substituição, paráfrase, sinonímia etc. (...) entre elementos linguísticos” (PÊCHEUX, 1975, p. 148) que

define o conceito de processo discursivo. Esses processos e também os exercícios parafrásticos não recaem apenas sobre relações de substituição, mas também dizem respeito a processos de articulação: no aparato discursivo, importa verificar quais são as relações que sustentam, por efeito, a sintagmatização, ou seja, a composição do fio do discurso.

Por fim, pelo trabalho com imagens e vídeos, que trazem à baila outras materialidades, me refiro a Lagazzi (2014, 2009) para pensar no funcionamento dessas materialidades em imbricação, de forma que uma faz trabalhar a equivocidade e a incompletude das outras, participando em sua particularidade do processo significante.

2. Percurso de análise

O enunciado “Vem pra rua” aparece, de início, como slogan da campanha da Fiat lançado em comercial com canção de mesmo nome, cujo refrão conta com o enunciado “Vem pra rua porque a rua é a maior arquibancada do Brasil”. Lançado na ocasião da Copa das Confederações no Brasil, a imbricação de materialidades (LAGAZZI, 2009, 2014) no vídeo evoca uma memória relativa ao universo futebolístico, de torcida e comemoração que se espalha na rua. Desde a “arquibancada” no enunciado, passando pela constância do verde e amarelo na materialidade visual (ver Figura 1) e pela voz de fundo que faz ecoar “vem pra rua” e remete ao barulho que faz a torcida na materialidade sonora, constrói-se a festa no espaço da rua.



Figura 1. Captura de vídeo de comercial da Fiat de slogan "Vem pra rua".
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=LKMwzMtuL90> - acesso em 28 maio 2019.

Depreendo, portanto, para essa primeira filiação discursiva, relações de sinonímia entre “ir pra rua” e “comemorar”/“fazer festa”. Está posto, também, em relação à rua, o lugar do espectador, que lá se coloca para observar o protagonismo de um outro (a seleção brasileira de futebol, por exemplo) e reagir de acordo.

Adentrando o campo dos discursos *da* manifestação, encontro primeiro uma imagem (Figura 2) em que a materialidade linguística do enunciado se mantém a mesma, mas há outros efeitos de sentido produzidos, indicando um deslocamento em relação à formação discursiva anterior. Isso pois há grandes mudanças em outras materialidades, inclusive na forma em que o enunciado se apresenta: não mais um slogan comercial, mas escrito à mão em um cartaz, na cor vermelha, que parece predominar na cena ainda que se veja, ao fundo, a bandeira do Brasil, um elemento de permanência em relação à materialidade anterior. O cartaz é carregado por uma pessoa em meio a um grande número de pessoas viradas na mesma direção, cujos corpos não mais transmitem a agitação festiva do comercial. Há um deslocamento da evocação do campo da torcida e da comemoração para o campo da manifestação e do político.

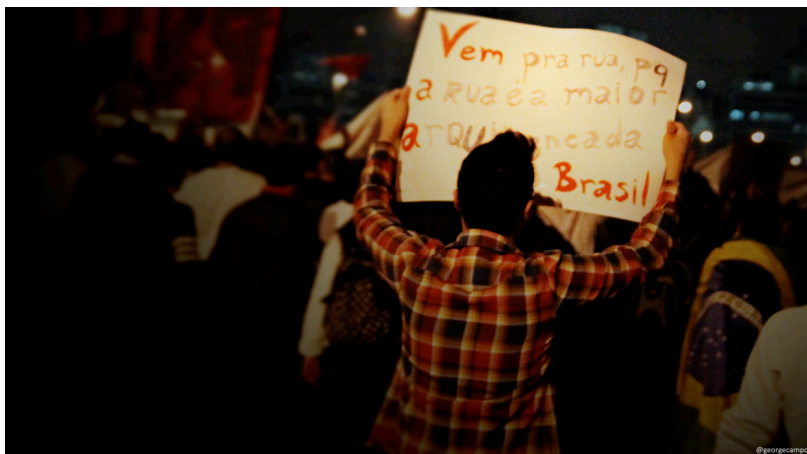


Figura 2. Cartaz em manifestação de Junho de 2013.

Fonte: USP Imagens – http://www.imagens.usp.br/?attachment_id=18504 - acesso em 28 maio 2019.

Em seguida, o segmento inicial desse enunciado é recortado e transformado em *hashtag*: #VEMPRARUA. Ela não aparece mais isolada nos cartazes, e sim acompanha outros enunciados, num funcionamento que

descrevo como o de um grito de ordem organizador (seguindo o movimento de descrição de Medeiros e Sousa (2018) sobre o grito “Fora Temer”). Ainda que justaposta visualmente, ela se articula aos outros enunciados por efeito discursivo, produzindo efeito de tessitura e mesmo efeito de uniformidade do movimento. Ao mesmo tempo, processos discursivos passam a produzir sentidos para o objeto “rua”, conforme mostro na análise abaixo.

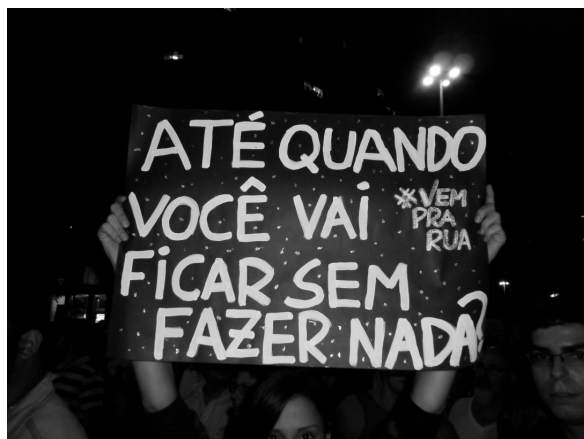


Figura 3. Cartaz de Junho de 2013 com #VEMPRARUA.

Fonte: Blog Meme de Carbono – <http://www.memedecarbono.com.br/memes/como-entender-os-protestos-no-brasil/> - acesso em 28 maio 2019.

E1: até quando você vai ficar sem fazer nada?/ E2: #VEMPRARUA

P1.1: até quando você vai ficar sem fazer alguma coisa?

E3: até quando você vai ficar sem vir pra rua?

P3.1: até quando você vai ficar sem $\left\{ \frac{\text{vir pra rua}}{\text{fazer alguma coisa}} \right\}$.

O efeito de sinonímia reconstruído pelo exercício parafrástico me permite chegar a “vir/ir pra rua é fazer alguma coisa”. Permanecem, pois são constitutivos, pontos de deriva que são, para o sujeito, saturados pela interpelação com efeitos de “*todo mundo sabe*”, por exemplo, o que é “fazer alguma coisa”. Em meu gesto, considero possível dizer que, para a FD de que esse enunciado faz parte, há sinonímia do primeiro enunciado com “ir pra rua é fazer *política*”, ao passo que a FD presente no comercial da Fiat permitiria a paráfrase “ir para a rua é fazer *festa*”. Pelo recorte aqui feito, deixo de apresentar outras análises que me permitem explorar mais esse ponto de deriva, chegando a sinonímias entre “fazer política” e “mudar o Brasil (pra melhor)” e “fazer um Brasil diferente” (igualmente equívocas).

Vem pra rua porque na rua tem a maior manifestação do Brasil!



89.288 visualizações

+ Adicionar a Compartilhar Mais

754 12

Figura 4. Título de vídeo publicado no YouTube.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Y2jxWXvfKV8> - acesso em 28 maio 2019.

Na Figura 4, um discurso *sobre* a manifestação retoma o enunciado completo do comercial da Fiat, mas produz um deslocamento importante que visibiliza a disputa pelos sentidos de rua na linha da análise anterior. Com a mudança da justificativa da convocação (Vem pra rua porque $\left\{ \frac{\text{a rua é a maior arquibancada do Brasil}}{\text{na rua tem a maior manifestação do Brasil}} \right\}$), essa FD, em contraste com aquela de que o comercial faz parte, passa a significar a rua como *ocupada* (a apropriação do espaço marca-se inclusive no aparecimento da preposição “em”) não mais por *espectadores* que *observam*, mas por *agentes* que *são observados*: por e para se “fazer política” na “rua”, a “rua” passa de “arquibancada” a *palco*.



Figura 5. Daniela Mercury na campanha #VEMPRAURNA.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=9Zd83kZB2WQ> - acesso em 28 maio 2019.

Passo a um segundo deslizamento na materialidade do enunciado, de “#VEMPRARUA” a “#VEMPRAURNA”, que aparece como mote de campanha do TSE (Figura 5) e retoma a FD do comercial inicial, ainda que já afetada pelo acontecimento (discursivo). No deslize entre “rua” e “urna”, já está apontada a relação que se estabelece, para essa FD, entre “fazer política” e “votar”, em que o voto, e não “ir pra rua”, é o *meio* para a mudança. É interessante, porém, que a paráfrase $\left\{ \frac{\text{fazer política}}{\text{mudar o Brasil}} \right\}$ continua a ser possível, conforme análise parafrástica feita a partir de enunciado do vídeo referente à Figura 6.

Vem pra urna: campanha do TSE incentiva jovens a votar nas Eleições 2014



Figura 6. Título de vídeo da Justiça Eleitoral no Youtube.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Un9M8jgQYHQ> - acesso em 28 maio 2019.

E1: Mudar a cara do país: o que parece um sonho pode se tornar realidade por meio do voto.

P1.1: Mudar a cara do país pode se tornar realidade por meio voto.

P1.2: Por meio do voto, mudar a cara do país pode se tornar uma realidade.

P1.3: Por meio do voto, é possível mudar a cara do país.

P1.4: Por meio do voto, muda-se a cara do país.

E2: Por meio do voto, faz-se política.

P2.1: Por meio do voto { $\frac{\text{se faz política}}{\text{se muda a cara do país}}$ }.

O acontecimento, porém, é significado por diversas FDs, e por isso identifico, na Figura 7, uma posição que não coloca o voto como único meio de se fazer política, pois o significa como um movimento de *legitimação* do “protesto das ruas”, não deixando de reconhecer sua viabilidade como forma de atuação, desde que chegue ao plano da “urna”, significado materialmente.

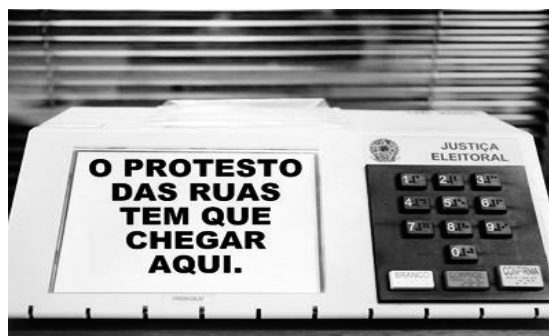


Figura 7. Enunciado escrito sobre tela de urna eleitoral.

Fonte: Folha de Campo Largo – <http://www.folhadecampolargo.com.br/vernoticia.php?id=26306> - acesso em 28 maio 2019.

Enquanto remete o *fazer política* à *urna*, a primeira FD parece retomar a atribuição do papel de espaço de *festa* à *rua*. A Fiat lança uma segunda campanha, intitulada “Nossa festa é na rua”, cujo comercial é veiculado por ocasião da Copa do Mundo de 2014 (ver Figura 8). Na nova canção, o enunciado “Nossa festa é na rua, vem pra festa, vem”, e a #FESTANARUA

presente na materialidade visual ao lado do retorno do verde amarelo, agora misturado a uma multiplicidade de cores e de elementos que remetem à festa e ao carnaval, significados pelo esvaziamento da rua enquanto espaço político.



Figura 8. Captura de vídeo de comercial da Fiat de slogan "Nossa festa é na rua".
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=OyuuZj5VeFo> - acesso em 28 maio 2019.

Ao mesmo tempo, a canção afirma “a rua é minha, é sua, de todo brasileiro”. O significante “brasileiro” funciona articulando a equivocidade e a contradição constitutivas da relação do sujeito com o espaço da cidade/ da rua, pois, nessa FD, está em sinonímia com “aquele que $\left\{ \frac{\text{vota}}{\text{faz política}} \right\}$ na *urna*” e “ $\left\{ \frac{\text{comemora}}{\text{faz festa}} \right\}$ na rua” estando-lhe interdita a possibilidade de “fazer política na rua”, ainda que possa dizê-la “sua”.

Referências

LAGAZZI, S. “O recorte significativo na memória”. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. & MITTMANN, S. (Org.). *O Discurso na Contemporaneidade. Materialidades e Fronteiras*. São Carlos: Claraluz, 2009, pp.67-78.

LAGAZZI, S. “Um lugar à margem, quase invisível”. *Língua e Instrumentos Linguísticos*, n. 34, p.133-156, jul./dez. 2014.

MEDEIROS, V.; SOUSA, L. Efeitos de um fora: o grito desdobrado na ordem da vida. In: BARBOSA FILHO, F.; BALDINI, L. (Org.). *Análise de discurso e materialismos: prática política e materialidades*. v. 2. Campinas: Pontes, 2018. p. 177-197.

PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. (1983) *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 2006.